

DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM EM LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS: DIVERSOS PAPÉIS NO CONTEXTO ESCOLAR

Luzineide de Sousa Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN
lulugabrielly24@gmail.com

Leila Telma Lopes Sodré

Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN
leila.telma@ufrn.edu.br

Maria de Fátima Moura Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN
fatimamouraufrn@gamil.com

Resumo: O presente trabalho tem como finalidade discutir acerca das dificuldades de aprendizagem em relação à leitura e à escrita dos discentes nos anos iniciais, como também, o modo de ensinar, considerando o papel do professor e dos demais profissionais no contexto escolar. A pesquisa tem como objetivo compreender qual o caminho mais adequado que a escola deve projetar para desenvolver a educação em crianças com algum déficit de aprendizagem. Para esse estudo utilizou-se como referencial teórico a concepção de educadores que refletem sobre o tema, a exemplo de Paín(1985); Cagliari (1996) e Teberosky (1989), bem como as reflexões pessoais sobre o objeto a ser investigado. Como metodologia, empregou-se uma abordagem qualitativa enfocando a pesquisa bibliográfica dos estudos citados. Diante dos resultados obtidos, destacam-se a importância da intervenção psicopedagógica nas dificuldades de aprendizagem, bem como a necessidade de estudos mais aprofundados sobre o tema. No entanto, conclui-se que a leitura e a escrita são processos progressivos que merecem uma ação continuada dos profissionais da educação, para que, no futuro, integre a criança ao processo de formação do conhecimento.

Palavras-chave:

Aprendizagem, Déficit de aprendizagem, Leitura e Escrita, Formação continuada, Família e escola.

1 INTRODUÇÃO

É possível observar, em algumas crianças, na trajetória escolar certa dificuldade na aprendizagem, principalmente nas séries iniciais. Entretanto, é importante saber que elas

aparecem envolvendo vários aspectos como sociais, culturais e pedagógicos. O percurso desse trabalho tenta discutir alguns caminhos que possam contribuir para a prática pedagógica, como também, proporcionar informações relevantes para orientar a direção das mudanças que tem de ser feitas no processo de ensino e aprendizagem, identificando as possíveis necessidades educativas de determinados sujeitos que apresentem dificuldades em seu desenvolvimento pessoal.

O hábito de ler deve ser estimulado na infância, para que o indivíduo aprenda desde pequeno que ler é algo importante e prazeroso. Com embasamento, nessa perspectiva, deve ficar claro que a aprendizagem da leitura é um processo complexo que envolve vários sistemas e habilidades, linguísticas, perceptivas, motoras cognitivas e, não se pode esperar, portanto, que seja determinado um único fator como responsável pela dificuldade para aprender.

A importância da leitura deverá ser mostrada com frequência, pois ela ajuda a criar familiaridade com o mundo da escrita, ajudará a fixar a grafia das palavras e, o mais importante, a formação da identidade do sujeito como inserido no meio social. No entanto, a proximidade com o mundo da escrita, por sua vez, facilita a alfabetização e conseqüentemente irá ajudar no desenvolvimento das demais disciplinas.

Partindo do ponto de vista que cada criança é única, as formas na quais os problemas de aprendizagem se manifestam está relacionada com a individualidade de quem aprende e, dessa forma, os distúrbios de aprendizagem dependem de causas múltiplas, cabendo aos profissionais, nesse caso específico o psicopedagogo, que realizam os diagnósticos, ressaltar a área mais comprometida e, em consequência, a recomendação da abordagem terapêutica, mais indicada para a superação das dificuldades.

Nos dias atuais depara-se com um número significativo de crianças com *déficit* de aprendizagem, desta maneira, essa abordagem diz respeito à grande parcela da população escolar. A possibilidade de contar com um ambiente pedagógico saudáveis por si só que funciona de forma terapêutica e reparadora para estas crianças. A escola deve oferecer um meio que seja dinâmico e apropriado para que elas possam vivenciar seu processo de aprendizado de forma lúdica e satisfatória com apoio de profissionais especializados.

2 DIFICULDADES DA CRIANÇA NA LEITURA E NA ESCRITA: CARACTERÍSTICAS SOB UMA ABORDAGEM TERAPÊUTICA

As crianças que possuem dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita aprendem conforme os outros alunos, mas com lentidão, portanto, todas as crianças aprendem a ler e escrever basicamente da mesma forma, mas alguns vencem as dificuldades dessa aprendizagem com maior facilidade do que outras. Para suprir esses transtornos de aprendizagem será necessário um olhar mais significativo com aulas diversificadas envolvendo dinâmicas, jogos e aulas extras de reforço para melhorar o desempenho da criança ou até mesmo encaminhá-los para outros profissionais especializados para que juntos possam encontrar soluções, como o psicopedagogo que depois de fazer suas avaliações deve encaminhar para outros profissionais da área. Segundo Paín (1985):

Que o sujeito que não aprende não realiza nenhuma das funções sociais da educação, acusando sem dúvida o fracasso. A psicopedagogia, como técnica da condução do processo psicológico da aprendizagem, traz com seu exercício cumprimento de ambos os fins educativos. A psicopedagogia adaptativa, preocupada em fortalecer os processos sintéticos do ego (yo) e facilitar o desenvolvimento das funções cognitivas, pretende colocar o sujeito no lugar que o sistema lhe designou. Diferentemente optamos por uma psicopedagogia que permite ao sujeito que não aprende fazer-se cargo de sua marginalização e aprender, a partir da mesma, transformando-se para integrar-se na sociedade, mas dentro da perspectiva da necessidade de transformá-la. (PAÍN, 1985, p.12)

Mas, deixando claramente que aprendizagem da leitura é um fator que envolve vários sistemas e habilidades, por isso não se podem esperar, um único e determinado fator como responsável pela dificuldade para aprender. Acredita-se que, a única maneira de se reverter essa situação é buscar as reais causas das dificuldades da aprendizagem. Para que o processo de leitura seja possível é necessário que exista uma maturidade adequada das bases neurofuncionais que o sustentam. Essas bases são a sustentação de todas as modalidades perceptivas, sobretudo da visual e auditiva, que marcam a maneira, o estilo e a forma como ocorre esse processo. Cagliari (1996) diz que:

A leitura comum, não é a decifração arqueológica da escrita, só se realiza através dos mesmos mecanismos de produção da fala. Por exemplo, a velocidade de leitura com compreensão está diretamente ligada à habilidade do leitor como falante da língua. Quem fala a língua com fluência e rapidez é capaz de ler bem e rapidamente, mas que fala com dificuldade irá ler com dificuldade, porque o funcionamento do mecanismo de produção da fala ficarão a todo instante comprometidos as dúvidas e as correções etc.(CAGLIARI, 1996, p.155)

Aprender a ler e a escrever proporciona liberdade à criança, pois é por meio da leitura que ela descobre um mundo novo e por meio da escrita pode transmitir ideias e sentimentos, suas percepções de uma maneira nova, ou seja, pôr em palavras suas emoções e comunicá-las quando desejar. Para escrever é necessário que primeiro exista a necessidade da criança de querer imprimir no papel seus desejos, a qual deve ser acompanhada do poder fazê-lo.

Tanto a leitura quanto a escrita se constitui como um dos avanços à busca do conhecimento sistemático. Contudo, tem-se que em virtude de não se desenvolver o hábito da leitura, encontram-se algumas dificuldades nesse contexto, o que causa preocupações, pelo fato da leitura e da escrita assumir certo destaque no processo de aprendizagem. Paín (1985) define aprendizagem da seguinte forma:

A aprendizagem é um processo dinâmico que determina uma mudança, com a particularidade de que o processo supõe um processamento da realidade e de que a mudança no sujeito é um aumento qualitativo em sua possibilidade de atuar sobre ela. Sob o ponto de vista dinâmico a aprendizagem é o efeito do comportamento, o que se conserva como disposição mais econômica e equilibrada para responder a uma situação definida. (PAÍN, 1985, P.23)

As dificuldades de aprendizagem são caracterizadas, pela literatura geral, como desordens que pode manifestar em uma ou mais áreas relativas à linguagem e sua compreensão, à expressão oral, ao pensamento, à leitura, à escrita, à ortografia e à aritmética.

3 PAPEL DO PSICOPEDAGOGO DIANTE DA DIFICULDADE DA CRIANÇA NA APRENDIZAGEM E NO HÁBITO DA LEITURA E DA ESCRITA

A psicopedagogia estuda o processo de aprendizagem e suas dificuldades, tendo, portanto, um caráter preventivo e terapêutico. Preventivamente não deve atuar não só no âmbito escolar, mas alcançar a família e a comunidade, esclarecendo sobre as diferentes etapas do desenvolvimento, para que possam compreender e atender suas características evitando, assim, cobranças de atitudes ou pensamentos que não são próprios da idade. Terapeuticamente a psicopedagogia deve identificar, analisar planejar, intervir através de etapas de diagnósticos e tratamento.

O diagnóstico poderá confirmar ou não as suspeitas do psicopedagogo. O profissional poderá identificar problemas de aprendizagem. Nesse caso, ele indicará um tratamento psicopedagógico, mas poderá também identificar outros problemas e então ele poderá indicar

um psicólogo, fonoaudiólogo, um neurologista, ou outro profissional a depender do caso. Enquanto o tratamento poderá ser feito com o próprio psicopedagogo que, durante o tratamento, serão realizadas diversas atividades com o objetivo de identificar a melhor forma de se aprender e o que poderá estar causando o bloqueio do aprendente.

O psicopedagogo utilizará recursos ou dinâmicas que favoreça a aprendizagem da criança através de jogos educativos, desenhos, brinquedos, brincadeiras, contos de histórias, computador e outras situações que forem oportunas. A criança muitas vezes não consegue falar sobre seus problemas e através desses recursos que foram mencionados anteriormente ela poderá revelar a causa de sua dificuldade, visto que, o jogo tem sido frequentemente utilizado como instrumento técnico por psicólogo e psicopedagogos no processo de diagnóstico e de intervenção, por permitir conhecer a realidade da criança. A hora do jogo é adotada no atendimento clínico e institucional, no qual é dado um tempo para os jogos (pedagógicos ou livres), para atingir um determinado objetivo, por exemplo, se a criança possui dificuldade de escrita, pode-se usar jogos de construção de palavras ou frase de uma maneira lúdica.

O jogo também contribui para o desenvolvimento de uma interação professor-aluno ou paciente-psicopedagogo, na qual a base é o respeito, a admiração e o principal objetivo, a aprendizagem. Essa relação estabelecida neste momento lúdico, e a possibilidade que se tem de aprender com o outro, todavia, Weiss (2004) coloca que:

Com crianças, é indicado um diagnóstico de forma lúdica, onde são utilizados, principalmente, jogos, brinquedo e objetos diversos para auxiliar na representação. É interessante proporcionar espaços lúdicos nas diferentes sessões, alterando com situações formalizadas de testagem e de avaliação pedagógica. Essa alternativa dependerá de cada caso em particular. Já os adolescentes apreciam o uso de jogos de regras, em que possam brincar e ao mesmo tempo desafiar o psicopedagogo, por isso é interessante separar jogos que exijam bastante raciocínio, atenção, antecipação de situações e diferentes estratégias, utilizando-os no início ou na parte final da sessão. Com facilidade, os sujeitos revelam aspectos que não aparecem nas situações mais formais do diagnóstico, tanto na área cognitiva como na afetivo-social. (WEISS, 2004, p.73)

O psicopedagogo solicitará da criança, algumas vezes, as tarefas escolares porque através de suas observações e análise feito ao caderno, relacionado à organização e os possíveis erros e ajudando-o a compreendê-los, irá ajudar a ela a encontrar melhor forma de estudar para que ocorra a aprendizagem. Enquanto na instituição escolar ele poderá ajudar os

professores, auxiliando-os na melhor forma dando sugestões de atividades para que favoreça no processo de ensino aprendizagem.

4 PAPEL DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

A família e a escola são companheiros fundamentais no desenvolvimento de ações que favorecem o sucesso escolar e social das crianças, formando uma equipe. É fundamental que ambas sigam os mesmos princípios e critérios, bem como a mesma direção em relação aos objetivos que desejam atingir. A educação transcorre tanto o ambiente escolar quanto o familiar. Enquanto a família possui uma função psicossocial de proteger seus membros e uma função social de transmitir e favorecer a adaptação à cultura existente a escola tem a sua contribuição para o desenvolvimento do indivíduo, porém mais focada na aquisição do saber. Segundo Bartholo (2001), “a parceria família escola é fundamental para que ocorram os processos de aprendizagem e crescimento de todos os membros deste sistema, uma vez que a aprendizagem não está circunscrita a conteúdos escolares”.

Cada família, como todo sistema, possui uma estrutura determinada que se organizem a partir de demandas, interações e comunicações que ocorrem em seu interior e com o exterior que mesmo sofrendo com todo um processo de transformação de seu papel social, seu padrão tradicional de organização; ainda é o local onde são desenvolvidos os primeiros contatos da criança com o mundo, são aprendidos conceitos importantes como valores morais e éticos, onde se tem abrigo, carinho, amor e apoio.

A relação família e escola têm sido bastante enfatizadas como uma das metas para o desenvolvimento da educação de qualidade, bem como o desenvolvimento eficiente de todas as etapas de construção do conhecimento. Deste modo, a participação da família no ambiente escolar é fundamental no processo ensino-aprendizagem. Portanto, família e escola são os principais suportes com que a criança pode contar para enfrentar desafios, visto que, integradas e atentas podem detectar dificuldades de aprendizagem que ela possa apresentar, podendo contribuir de maneira eficiente em benefício da mesma. Sendo assim, esse elo socializador é uma agência socializadora que, apesar de distintas, buscam atingir objetivos complementares.

5 ATENDIMENTO/ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO DAS CRIANÇAS: INTERVENÇÕES DO PSICOPEDAGOGO

Ao referir-se à família e à escola encontrar-se um objetivo em comum: estabelecer as melhores condições para favorecer o desenvolvimento integral das crianças e adolescentes. Para alcance de tal objetivo, se requer atuações específicas de qualidade em cada um dos sistemas. Além disso, é necessário que ocorra entre ambos os contextos relações fluidas e claras, que permitam a coordenação de ponto de vista e a resolução de eventuais conflitos relacionados com a educação dos filhos/alunos.

De acordo com Oliveira (2009), a psicopedagogia institucional se caracteriza pela própria intencionalidade do trabalho. Atuamos como psicopedagogos na construção do conhecimento do sujeito, que neste momento é a instituição com sua filosofia, valores e ideologia. A demanda de instituição está associada à família, a escola, uma empresa industrial, um hospital, uma creche, uma organização assistencial.

Assim, são muitos os profissionais que podem atuar no sistema educacional que favoreça aos discentes uma aprendizagem satisfatória: além do professor, o psicólogo educacional, psicopedagogo, fonoaudiólogo, orientador educacional, coordenador pedagógico, diretor educacional, supervisor, etc. Porém quando a escola encaminha ao psicopedagogo um aluno com dificuldades, espera a colaboração do mesmo para que ele possa obter uma atenção mais individualizada, ou seja, para diagnosticar e auxiliar o professor e a própria escola a encontrar soluções e estratégia para que o aluno consiga progredir e adaptar-se ao ritmo estabelecido.

Neste contexto, muitas das tarefas em que se envolvem os psicopedagogos tendem a promover processos adequados de orientação aos alunos, docentes e pais seja contato com sua intervenção direta ou indireta. Na escola, a tarefa do psicopedagogo visa fortalecer a identidade da instituição, bem como resgatar suas raízes, ao mesmo tempo em que procura sintonizá-la com a realidade que está sendo vivenciada no momento histórico atual, buscando adequá-la às reais demandas da sociedade.

A concretização prática destas tarefas pressupõe a prática de processos para subsidiar, ou seja, processos de construção conjunta envolvendo o psicopedagogo e outros profissionais, nos quais cada um participa a partir de sua formação peculiar e contribui com seus conhecimentos específicos, experiências e pontos de vista para o alcance de objetivos compartilhados. O psicopedagogo colabora para a captação do processo de aprendizagem e de assimilação dos fatores facilitadores e comprometedores desse processo, com vistas a uma intervenção. A ampla necessidade de uma ação efetiva, nesse sentido, fica confirmada no interesse que tem havido pela psicopedagogia em nosso país. Ressalta Barbosa (2001) que "na instituição escolar, convive-se com o ensinar e com o aprender de uma forma muito dinâmica,

não sendo possível, na prática, haver uma intervenção que recaia somente sobre o aprender”.

Barbosa ainda complementa:

Quando dizemos que a Psicopedagogia se preocupa com o ser completo, que aprende, não podemos esquecer que faz parte da completude deste ser a capacidade de aprender em interação com aquilo ou aquele que ensina; e que a ação de ensinar não é sempre exercida pelo professor, assim como a de aprender não é de responsabilidade somente do aluno. (BARBOSA,2001, p.45)

O trabalho do psicopedagogo na escola é de prevenção das dificuldades de aprendizagem, ou seja, vai fazer um trabalho institucional: averiguar a formação dos professores; o currículo que está sendo dado e se está sendo adequado às necessidades dos alunos. O psicopedagogo poderá contribuir para que haja uma boa comunicação entre escola e família, favorecendo a um clima de confiança e estabelecendo um elo construtivo.

6 ATIVIDADES MOTIVADORAS E SEUS POSSÍVEIS RESULTADOS

Quando se ensina alguma coisa, o que seja, ensina-se também a colher com sabedoria os resultados, sem, contudo, esquecer de alertar contra os eventuais contratempos. Os dois aspectos são partes complementares do aprendizado, e não apenas a maneira de se fazer a coisa. Uma criança ainda requer de muita experimentação antes de ser capaz de compreender cada caso, por isso, a expectativa de resultados insatisfatórios, ou parciais, assim como a perspectiva de resultados positivos em qualquer empreendimento, deve sempre fazer parte de sua instrução preliminar.

Cabe-se também ao psicopedagogo realizar atividades que esteja ao nível e idade do aprendente para que ele, mesmo com ajuda, possa realizá-lo ou tirar dela algum aprendizado, pois as crianças e adolescentes apresentam dificuldades de aprendizagem e também falhas metacognitivas, indicando-nos a necessidade de trabalhar as habilidades de forma mais sistemáticas. Contudo, são dificuldades que levam o indivíduo a não conseguir ou ter dificuldades em planejar, acompanhar e avaliar seu próprio processo de aprendizagem, não percebendo como aprende o que já sabe e o que não sabe e onde pode obter a informação necessária.

Para tanto é necessário uma avaliação clínica com médico para coletar informações não apenas da observação da criança durante a consulta, mas também realizar entrevista com os pais e/ou responsáveis desta criança, solicitar informações da escola que a criança frequenta

sobre seu comportamento, sociabilidade e aprendizado, além da utilização de escalas de avaliação da presença e gravidade dos sintomas.

Além desta avaliação clínica com um médico, a criança ou adolescente deverá passar por uma avaliação psicopedagógica, que começa com uma entrevista inicial com os pais, onde eles trazem o motivo da consulta e a "queixa" principal, bem como falam um pouco sobre o histórico familiar do sujeito. Durante este processo de avaliação com o cliente pode ocorrer algumas intervenções, a partir do momento que já exista um vínculo entre terapeuta e cliente. Estas intervenções podem ser feitas através de jogos lúdicos ou através de atividades ligadas à arte terapia, sendo estas atividades: desenhos, materiais diferenciados como argila, velas, etc.

No entanto é através das atividades lúdicas e terapias que oferecem um direcionamento ao tratamento de crianças e adolescentes no qual se revelam como um meio favorável a ser utilizado como procedimento de intervenção nas áreas de psicoterapia, da psicopedagogia e da educação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões em torno das dificuldades de aprendizagem não se configuram em um modismo passageiro, e sim, em importantes temáticas a serem debatidas e articuladas no trabalho em sala de aula. O modo como o professor conduz o seu trabalho é de grande importância para que a criança construa o seu conhecimento sobre o objeto escrito e adquira certas habilidades que lhe permitirão o uso efetivo do ler e do escrever em diferentes situações sociais.

São muitos os desafios a serem enfrentados no atual contexto educacional, em que muitos alunos passam pela escola sem encontrar condições efetivas de se tornarem leitores e produtores de textos competentes. Desse fato, decorre a necessidade de haver um diálogo contínuo entre professores, pesquisadores e formadores de professores, na busca de alternativas pedagógicas que possibilitem modificar esse quadro.

O rendimento escolar insatisfatório, em especial, de um grande número de alunos nos primeiros anos, tem sido uma preocupação e um dos grandes desafios para os educadores. Em especial, no caso de escolas públicas, no Brasil, um grande número de alunos tem apresentado dificuldades de diferentes tipos e rendimento insatisfatório em relação a padrões definidos pela escola.

Nos últimos anos, ocorrem mudanças nas práticas de professores, que hoje estão mais cientes de que o aprendizado da leitura e da escrita não pode estar desvinculado dos sentidos

que construímos e dos usos que fazemos do ler e escrever. Dessa maneira, análises realizadas por muitos educadores justificam-se como um meio para identificar problemas que alguns profissionais da educação vivenciam em seu trabalho.

Nesse contexto conclui-se que no espaço escolar alguns alunos apresentam dificuldades em seu desenvolvimento escolar. É nessa situação que entra o trabalho do psicopedagogo como articulador e promotor de ações que gerem mudanças, mesmo que de início sejam acanhadas, mas que, dentre outras, principalmente, minimizem os problemas relativos ao fracasso escolar de algumas crianças.

O psicopedagogo poderá contribuir para que haja uma boa comunicação entre escola e família, favorecendo um clima de confiança e estabelecendo um elo construtivo. Ou seja, é através do convívio escolar, da cultura escolar que o aluno vai aumentando gradativamente o desejo de aprender e, assim, aumentando o seu desempenho escolar.

7 REFERÊNCIAS

BARBOSA L.M.S. **A Psicopedagogia no âmbito da instituição escolar**. Curitiba: Expoente; 2001.

BARTHOLO, M. H. **Relatos do Fazer Pedagógico**. Rio de Janeiro: NOOS, 2001.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e lingüística**. Edição 9. São Paulo. Scipione, p. 52 – 150, 1996

GOMES: Maria de Fátima Cardoso e SENA: Maria das Graças de Castro. **Dificuldades de Aprendizagem na Alfabetização**. 2ª Edição, Linguagem & Educação: Belo Horizonte Autêntico. 2002.

MORAIS, A. G. (Org.). **O aprendizado da ortografia**. Belo horizonte: Ceale/ Autêntica, 1999.

OLIVEIRA, Mari Ângela Calderari. **Psicopedagogia: a instituição educacional em foco** / Mari Ângela Calderari Oliveira. – Curitiba: Ibpex, 2009.

PAÍN Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Tradução Ana Maria Netto Machado, Porto alegre: Artmed, 1985.

SOARES, M. B. BATISTA, A.A. **Alfabetização e Letramento: caderno do formador.** Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

WEISS, L. M.L. **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar.** 10. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2004